

GREGÓRIO: notas sobre o *servus servorum Dei*

GREGORY: notes on servus servorum Dei

JOÃO VICENTE GANZAROLLI DE OLIVEIRA*

RENATO ANTÔNIO FERREIRA SIMÕES**

RESUMO: Canonizado tanto na cristandade ocidental quanto na oriental, São Gregório Magno preferia a vida monástica e contemplativa; aceitou o papado contra a vontade, atitude típica dos grandes líderes. Mais do que adequada é a denominação que deu a si mesmo: *servus servorum Dei*, inaugurando, desse modo, uma prática que se tornou tradicional entre os papas subsequentes. Nosso artigo consiste em notas breves e esparsas sobre a obra gigantesca realizada pelo 64º papa, que, após 64 anos de vida, partiu diretamente para o Céu.

Palavras-chave: São Gregório Magno. Europa. Ocidente. Arte. Cultura.

ABSTRACT: Canonized in both Western and Eastern Christianity, St. Gregory the Great preferred the monastic and contemplative life; papacy was accepted against his will – an attitude typical of great leaders. More than adequate is the name he gave himself: *servus servorum Dei*, thus inaugurating a practice turned into tradition. The lines that follow are nothing more than brief and scattered notes about the gigantic work carried out by the 64th pope, who, after 64 years of life, went straight to Heaven.

Key-words: Saint Gregory the Great. Europe. West. Art. Culture.

* João Vicente Ganzarolli de Oliveira é Doutor em Letras e professor titular do Instituto Tércio Pacitti da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: jganzarolli@usa.com

** Renato Antônio Ferreira Simões é graduado em Música com Especialização em psicopedagogia é professor efetivo do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

*Todos os santos foram mártires: ou pela espada, ou
pela paciência.
São Gregório Magno*

1 . Gregorius, “aquele que está desperto”

Não existe regra alguma para a magnitude de uma obra historiográfica. Nada impede que se escreva a história universal numa única página e que dezenas de volumes sejam dedicados a um personagem que nunca existiu, como é o caso do pseudo-Aristóteles, cognome dado aos autores de tratados erroneamente atribuídos ao maior de todos os filósofos gregos – situação, aliás, típica do nosso tempo, marcado pela “compulsão de saber cada vez mais sobre cada vez menos”.¹ As linhas que se seguem tratam de um dos principais personagens da cultura europeia e – por que não admitir? – da cultura universal: São Gregório Magno, assim chamado por causa da magnitude do seu caráter e da sua obra (sem falar, é claro, de sua santidade). Dada a importância dos seus *Diálogos*, tanto para a cristandade do Oriente quanto para a do Ocidente, também se tornou conhecido como São Gregório Dialogista. Ao longo dos dois milênios de história da Igreja, além de Gregório, apenas um papa é chamado de Magno: Leão I, cujo pontificado se estendeu de 440 a 461 e que, sozinho, expulsou Átila e seus bárbaros asiáticos das terras italianas (cf. SCHLESINGER & PORTO, 1995, p. 1.556).

Em uma carta a São Virgílio, bispo de Arles, e a Teodoro, bispo de Marselha, podemos encontrar um bom exemplo de sua busca constante do diálogo. O assunto, como se verá, é a conversão compulsória dos judeus:

Considero a intenção, nesses casos, digna de louvor, e ditada pelo amor de Nosso Senhor. Mas temo que essa mesma intenção, a menos que acompanhada com adequados reforços da Sagrada Escritura, não tenha resultado útil, ou mesmo, o que Deus não permita, tenha como resultado a perda das almas que quer salvar. Porque, quando alguém é levado à fonte do batismo não pela suavidade da pregação, mas por compulsão, retorna a sua primeira superstição, e morre pior, embora tendo nascido de novo pelo batismo. Que vossas fraternidades movam tais homens por

¹ “It is an example of the modern compulsion to know more and more about less and less” (DAVIES, 1998, p. 1).

frequente pregação para que, pela suavidade de seu mestre, eles possam vir a desejar a mudar sua antiga crença (apud SOLIMEO & SOLIMEO, 2013, pp. 180-181).

Gregório, mesmo depois que se tornou papa, continuou a escrever homilias para seus concidadãos romanos – atitude que fugia ao protocolo da época. Profundo conhecedor das Sagradas Escrituras, o “servo dos servos de Deus” transmitia simplicidade, clareza e praticidade aos seus sermões, qualidade que aumentava muito seu raio de compreensão entre os fiéis. Buscava sempre lições práticas, tiradas da Bíblia, sempre visando à edificação de seus fiéis. São palavras do sacerdote francês Adalbert de Vogüé (1924-2011), historiador do monaquismo e, como Gregório, beneditino:

Quando o Papa Gregório I começa, em novembro de 590, suas homilias ao povo de Roma, esta não é a primeira vez que o pontífice romano pronuncia aos fiéis da Urbe alocuções que vão passar para a posteridade. Já, um século e meio antes, o Papa (São) Leão I tinha dado à sua cidade e ao mundo cristão seus admiráveis *Sermões*. Mas a distância entre as datas é significativa: os pastores da Igreja de Roma que deixam um trabalho homilético são mais bem raros. Este sucesso, de si excepcional, o é ainda mais se se considerar a personalidade do pregador. Não é, na verdade, um papa qualquer que toma a palavra em 590, mas um papa que viveu a vida monástica e continua ligado profundamente a ela (apud SOLIMEO & SOLIMEO, 2013, p. 86).

O espanhol Justo Pérez de Urbel y Santiago (1895-1979), também ele seguidor de São Bento, também ele medievalista, atentou para este traço particular de Gregório, papa que, sem nunca haver sonhado com o papado, tornou-se um dos mais insignes dentre todos os herdeiros do Trono de São Pedro: trata-se de voz ao mesmo tempo fraca e convincente, comunicativa e cheia de vida, capaz de arrancar aplausos dos fiéis. São Gregório Magno, salienta Urbel y Santiago,

Não tem a amplidão sonora de São João Crisóstomo, nem a modalidade espontânea e impressionista de Santo Agostinho, nem o sentido crítico que distingue São Jerônimo, nem os adornos literários de São Gregório Nazianzeno. Mas sua palavra é tão eminentemente comunicativa, tão

animada, tão pastoral, tão íntima que a multidão o escuta religiosamente, o segue comovida, o aplaude (apud SOLIMEO & SOLIMEO, 2013, p. 85).

Nascido em 540 e falecido em 604, São Gregório Magno (papa de 590 até o dia de sua morte) é mais um daqueles personagens gigantescos sem os quais a própria noção de cultura europeia perderia o sentido. Até mesmo o historiador anglo-polaco Norman Davies (1939), em que pese seu agnosticismo, curva-se perante a figura gigantesca d'aquela que está desperto e não deixa de relacionar diretamente seu pontificado com o nascimento da Europa, vista como entidade cultural devidamente individualizada na geografia e na história. Com efeito, Gregório tem lugar de destaque no capítulo intitulado “*Origo. The Birth of Europe, AD c. 330-800*”, que integra as mais de mil páginas de *Europe, a History: a Panorama of Europe, East and West, from the Ice Age to the Cold War, from the Urals to Gibraltar*, possivelmente a obra mais importante de Davies e, sem dúvida alguma, um clássico no âmbito das ciências humanas. Nas palavras dele,

Gregório I (540-604), o primeiro monge a ocupar o trono de São Pedro, é frequentemente visto como o arquiteto do futuro poder papal, o que se deve tanto às suas habilidades administrativas quanto à dedicação com que entregou à missão de papa. Autodenominado “servo dos servos de Deus”, ele se ocupou dos assuntos civis da cidade de Roma, negociou um acordo com os reis lombardos, reorganizou as propriedades e as finanças da Igreja, e restaurou os contatos com a África, a Espanha, a Gália e a Bretanha. Sua *Regula Pastoralis* logo se tornou o guia dos bispos medievais (DAVIES, 1998, p. 270).

Considere-se que a própria noção de “Europa” é relativamente nova; surgiu nalgum momento do milênio medieval. Até então, de fato, “não havia ‘Europa’. Tudo que havia [...] era uma península sem nome, longa e sinuosa, colocada como a figura de proa de um navio na extremidade da maior massa de terra do mundo” (DAVIES, 2007, p. 1).

Gregório parecia predestinado, já pelo nome de batismo, à grandiosidade de sua missão, bem como ao zelo que ela requiriria. Efetivamente, *Gregorius*, nome proveniente do latim tardio, significa “aquele que está desperto”, equivalendo, assim, a *Vigilantius* (cf. HARPER, 2021). Nosso prudente Gregório, sempre em vigilância e na busca da justa medida em suas palavras e ações.

Procedia da *gens Anicia*, nobilíssima família senatorial. Estudou em Roma, cujas escolas haviam voltado a se abrir sob o domínio de Justiniano. Justino II nomeou-o prefeito da cidade (entre 570 e 574, aproximadamente). Vendeu seus bens e distribuiu-os entre as obras de caridade. Transformou em mosteiro seu palácio do Monte Célio, colocando-o sob a administração de Santo André, e fundou outros seis em suas propriedades da Sicília, para acolher aos monges do norte da Itália que fugiam dos bárbaros. Todos acabaram acolhendo a Regra de São Bento. Benedito I nomeou-o cardeal e enviou-o como apocrisiário (núncio) a Constantinopla (578-585). Ali começou a redação de sua *Moralia*; conheceu e se fez grande amigo de São Leandro de Sevilha. De regresso a Roma, retirou-se de novo ao seu mosteiro, e pouco depois foi eleito papa (590). Em seu pontificado, manifestou-se como verdadeiro gênio prático. Sua prodigiosa atividade revela-se nas 848 cartas de seu epistolário. Reformou a liturgia e a música. Foi duque de Roma, e pode-se considerá-lo como o verdadeiro fundador dos Estados Pontifícios (FRAILE, 1986, p. 260).

Gregório tem papel de enorme relevo na Ordem Beneditina; a própria compreensão detalhada da Regra de São Bento depende de Gregório. De fato, como bem aponta Dom Anselmo Chagas de Paiva (1960), monge e sacerdote do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, “ajudam-nos em um estudo mais detalhado da Regra as obras de São Gregório Magno, o mais antigo estudioso da vida e da obra de São Bento [os *itálicos* são nossos], que talvez tenha convivido com alguns monges contemporâneos do Santo Patriarca.” (CHAGAS DE PAIVA, OSB. 2020, p. 16). Sempre atentando para a necessária disciplina no âmbito eclesiástico, bem como para a devida dignidade dos diáconos, sacerdotes e monges, São Gregório escreveu sua *Regula Pastoralis*. Logo no início da obra, o autor aconselha aos que aspiram ao pastoreio das almas: “Não assumam a responsabilidade de governo das almas aqueles que não colocam em prática na própria vida o que aprenderam com o estudo.”; em seguida, assevera:

Há também alguns que aprofundam, com muita atenção, os ensinamentos do Espírito, mas depois pisoteiam, com a própria conduta de vida, o que conseguem compreender com a inteligência; e ei-los facilmente ensinando o que aprenderam com o estudo, mas não com a prática. Na verdade, ninguém causa mais dano à Igreja do que aquele que, tendo um título e uma posição que comportam santidade, vive uma vida corrupta. Ninguém se atreve a denunciar suas faltas; e a falta se torna um exemplo

que se difunde amplamente quando o pecador é reverenciado por causa do respeito devido à sua posição (SÃO GREGÓRIO MAGNO, 2010, pp. 37-38).

É, mais uma vez, o especialista Adalbert de Vogüé a esclarecer:

Que um monge se tornasse bispo, isso se tinha visto muitas vezes ao longo de pelo menos dois séculos: basta lembrar os nomes de Basílio no Oriente e de Martinho no Ocidente, para evocar este tipo de monge tornado pastor. Do mosteiro de Lerins, em particular, de Arles e de outros lugares, saíram muitos bispos famosos. Mas um papa monge, eis algo inédito, ao que parece. Com Gregório o monaquismo se instala na sede de Pedro...] Esse monge tornado papa tinha, além do mais, para aumentar seu prestígio, uma ascendência ilustre e um passado brilhante (apud SOLIMEO & SOLIMEO, 2013, p. 73).

Fato é que

São Gregório, primeiro papa da linhagem beneditina (e, tal qual o imperador Carlos, meritoriamente chamado de *Magno*), não foi o criador do canto gregoriano.² A denominação equivocada deriva da sua biografia, que é do século IX. O biógrafo João Diácono, também ele da família de Monte Cassino, talvez tenha associado a reforma da música religiosa (iniciada no século VIII) à reforma litúrgica empreendida por Gregório Magno com quase duzentos anos de antecedência, entendendo-as como obras do mesmo autor. Já que ambas as reformas tinham a rubrica da simplicidade (Gregório, ele próprio um modelo de humildade e virtude, pregava o retorno ao *modus vivendi* dos primeiros cristãos), a confusão era aceitável e a homenagem pertinente (cf. CULLIN et alii, 1999, pp. 79-82). Também é plausível que a qualificação *gregoriano* para o canto litúrgico esteja ligada à figura de Gregório IV. Papa entre 827 e 844, ele forneceu antifonários aos francos e acolheu em Roma o bispo Amalário de Metz (780-850), discípulo de Alcuíno e conselheiro de Carlos Magno, além de intermediário fundamental no processo de assimilação do canto velho romano na França carolíngia. Havendo concluído sua *Vita Gregorii* em 873, João Diácono (825-880) deve ter estado ciente desses fatos – mas não, necessariamente, da sua autoria e cronologia corretas. Absorvido como estava pela vida e santidade do grande papa beneditino que presidira a Igreja de 590 a 604, alvo

2 No respeitante à música, “deve-se a São Gregório, no mínimo, a organização e a seleção das primitivas melodias cristãs, em seguimento ao que, já no século IV, tinha feito Santo Ambrósio. Este criou os primeiros modos, designados *modos autênticos*; São Gregório acrescentou-lhes mais quatro, que se denominaram *modos plagais*” (BORBA & LOPES GRAÇA, 1963, v. I, pp. 598-599).

da sua biografia, será compreensível se João Diácono tiver entendido “Gregório I” onde deveria entender “Gregório IV”. A reforma musical do século VIII foi promovida por Pepino o Breve (rei dos francos de 751 a 768), quando a Era Carolíngia já estava em curso: *entendia-se que a unificação do canto litúrgico era um fator a mais para se obter a unidade do império em vias de formação*. Pepino decidiu adotar o canto velho romano – que possivelmente era bastante ornamentado, sob forte influência oriental. Foi esse canto, modificado pelos francos, por sua vez habituados ao canto galicano, que se convencionou chamar “gregoriano”. Por ter sido adotado primeiramente na cidade franca de Metz (Pepino delegou a tarefa reformadora a Chrodegang, bispo de Metz e personagem importante no Renascimento Carolíngio) foi denominado de início *cantilena metensis*. Datam do século IX o *Musica enchiriadis* e o *Scolica enchiriadis*, primeiras obras nas quais se fala da polifonia de forma inequívoca e onde encontramos as suas primeiras partituras. Atribuídos alternativamente a Ubaldo de Saint-Amand (c.840-930), Santo Odo de Cluny (878-942) e outros sábios carolíngios, esses dois tratados se complementam. São muitos os indicativos de que o autor do *Musica enchiriadis* (ME) não seja o mesmo do *Scolica enchiriadis* (SE).³ Cogita-se inclusive que haja parceria na composição de um dos tratados, talvez de ambos; em qualquer dos casos, os nomes dos autores permanecem cercados por pontos de interrogação.⁴ Não temos certeza sequer da cronologia entre um e outro. Porém, conhecemos suas fontes clássicas principais (Censorino [*De die Natali*], Calcidio [tradução e comentário relativos ao *Timeu*, de Platão], Santo Agostinho [*De musica*], Fulgêncio [*Mitologiae*], Boécio [*De institutione arithmetica* e *De institutione musica*], Cassiodoro [*Institutiones*]) e secundárias (Vergílio [*Eneida*], a *Vulgata* [*Epístola de São Paulo aos romanos*], Santo Agostinho [*De ordine*] e Boécio [*Consolatio philosophiae*]). Evidente é a familiaridade do(s) autor(es) do ME e do SE com a prática da polifonia. Descrevem-na como algo já solidamente assentado na cultura eclesial europeia, fato que corrobora a hipótese de que a música polifônica já fosse moeda corrente nas igrejas num período bastante anterior ao da redação tanto do ME quanto do SE. Obedecendo a certa constante que ajuda a esclarecer as variáveis das equações históricas, a prática parece ter precedido a teoria, no caso da música

3 O enigmático termo *enchiriadis*, mistura de grego corrompido com latim bárbaro (“*poor Greek and worse Latin*”), traduz-se por “manual”; grosso modo, podemos considerar o ME como um “manual de música” e o SE como um “manual de citações” (cf. PALISCA, 1995, p. XI; ver também FINNEY, p. 61).

4 “*The question of who wrote the Enchiriadis treatises remains unanswered. A number of facts indicates, however, that ME and SE have different authors. It is possible that one or both may have more than one author*” (Raymond Erickson. “Introduction”, in PALISCA, 1995, p. XXII). Para o autor do ME (assim como para Boécio), o *quadrivium* é, antes de mais nada, o caminho que conduz à filosofia; no SE, além disso, a simples existência do *quadrivium* é motivo para agradecer e louvar a Deus. Isso faz parte da “aura de piedade” que marca o SE, mas que não se encontra no ME (cf. *Ibidem*).

polifônica ocidental. É muito provável que a polifonia já existisse antes do Renascimento Carolíngio: pelo menos desde o século VII, em Roma e no próprio âmbito eclesiástico. Tal é o cerne de uma polêmica na qual a última palavra ainda não foi dita. (GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2018, pp. 35-38).

2. Entre dois mundos

Embora não tenha criado o canto que leva seu nome, Gregório Magno continua a ser uma personagem exponencial do Medievo e da própria cultura do Ocidente como um todo. Juntamente a Boécio (c. 480-525), Cassiodoro (490-581), Santo Isidoro de Sevilha (560-636) e o venerável Beda (c.672-735), São Gregório Magno forma o quinteto intelectual responsável pela criação do que se pode chamar de “*corpus* cultural cristão da Europa” (GARCÍA DE CORTÁZAR, AGUIRRE & SESMA MUÑOZ, 2006, p. 71).⁵ Dentre muitas outras coisas, São Gregório, como papa, fortaleceu e centralizou os alicerces da Igreja: “Na maior parte das atribuições, o papa substituíra o imperador. Na base do poder temporal do papa estava a sua intervenção como protetor do povo contra a opressão e a miséria” (GRIMBERG, 1967, t. VI, p. 64). Escolhido para ser papa em 590, aceitou o cargo, apesar da relutância inicial. Foi enorme o seu zelo na conversão dos pagãos e na luta contra as heresias, em particular o arianismo. Gregório “governou Roma como seu soberano, defendendo-a contra os ataques dos lombardos e salvando da fome sua população em época de geral penúria” (SILVA & PENNA, 1964, p. 207). Coube ainda a Gregório combater as intempéries da natureza. Um ano antes de sua aclamação como papa, uma inundação sem precedentes colocara a Cidade Eterna debaixo d’água. Casas e rebanhos foram arrastados por uma correnteza que pouco ou nada poupava. O Rio Tibre, extravasando de seu leito, destruiu inúmeros edifícios, inclusive os silos da Igreja, que veio a perder todo o seu estoque de cereais destinado ao socorro dos mais pobres. Como consequência da inundação, uma peste assolou Roma de tal forma que seu comércio parou e suas ruas ficaram desertas. A única circulação nas ruas era a dos “grandes carroções recolhendo os cadáveres das vítimas que, por serem em muito grande número, eram enterradas em

5 “São Gregório sobressaiu como grande escritor, motivo pelo qual é considerado um dos últimos Santos Padres da Antiguidade, grande luz da Igreja ocidental, ao lado de Santo Ambrósio, São Jerônimo, Santo Agostinho e São Leão Magno” (LLORCA et alii, 1976, p. 639).

uma vala comum, fora dos muros da cidade” (SOLIMEO & SOLIMEO, p. 69).

Vítima da peste, o Papa Pelágio II, precursor de Gregório, morreu em fevereiro de 590. Em setembro do mesmo ano, morria Autário, o rei dos lombardos. Seu sucessor, Agilulfo, casou-se com a viúva de Autário, Teodolinda da Baviera – importante e influente aliada de Gregório, intermediária na conversão do marido e de seus súditos ao catolicismo. Originários do centro e do norte da Europa, os lombardos fixaram-se na Panônia, tendo antes atravessado a região do Danúbio. Da Panônia investiram contra a Itália, onde dominaram o território que se estende do Frioul até as regiões de Espoleto e Benevento, fazendo de Pavia a sua capital.

Os bárbaros [lombardos] atuavam como contrapeso em relação às tropas do Império do Oriente, que ainda dominavam a maior parte da península ao sul de Roma. Esse equilíbrio precário, para cuja manutenção Gregório muito contribuiu, dava-lhe certa independência tanto em relação ao rei dos lombardos quanto ao imperador de Bizâncio, permitindo-lhe guiar-se por sua aguda intuição política. Gregório percebeu que o mundo romano, anteriormente um bloco monolítico, dividia-se agora em dois mundos culturais, o Oriente e o Ocidente (SIMONS, MORRISON, et alii, 1971, p. 62).

Na segunda metade do século VI, Gregório situa-se – juntamente a Santo Agostinho (354-430), São Bento de Núrsia (480-547) e Santo Isidoro de Sevilha (560-636), para citar apenas algumas outras personalidades eminentes da cultura ocidental – na fronteira cronológica que separa a Idade Antiga e a Idade Média. Tal como se deu com aqueles outros habitantes do mundo híbrido em que viveu, Gregório foi um “antigo” por seu espírito e pela educação recebida, mas soube integrar-se ao Medievo, resultante histórica do estado de coisas que começara a se configurar *pari passu* com a desarticulação do Império Romano (cf. FRAILE, 1986, p. 260). Quanto à queda propriamente dita de Roma, oficializada no ano 476, há de se convir que a explicação costumeira – i.e., a “invasão de povos bárbaros” – talvez seja mais um efeito do que uma causa *vis-à-vis* esse fenômeno de que a Europa levou um milênio para se recuperar devidamente. Houve, não há dúvida, um declínio moral gravíssimo entre os romanos, que não souberam lidar devidamente com o poder imenso que sua nação havia obtido; dentre muitos outros erros, o império

deixara-se contaminar pelos vícios advindos do Oriente: em português ainda mais claro, Roma babilonizou-se. Como bem observa o jesuíta português Narciso Irala (1896-1988), “Sociedades embriagadas pelo próprio progresso desmoronam. Não foram os bárbaros do Norte que venceram o Império Romano. Ele caiu porque parou na marcha do progresso, solapado por vícios e doenças” (IRALA, 1970, p. 167).⁶

3 . Sem Gregório, o que teria sido do Ocidente?

São Gregório Magno chegou a escrever quarenta homilias que tratam dos Evangelhos e vinte e duas a respeito de Ezequiel. Sua *Expositio in librum Job (Moralium libri XXXV)* foi começada em Constantinopla, a instâncias de São Leandro, ao qual Gregório veio a dedicá-la.⁷ Concluída em 590, ano da ascensão de Gregório ao pontificado, ela foi uma das obras mais lidas durante o período medieval (cf. FRAILE, 1986, p. 260). Não obstante sua formação clássica, pois estudou em Roma, Gregório é severo em relação às letras profanas; exige prudência e cautela da parte de seus bispos para que “não celebrem Júpiter e Cristo” (apud Idem, p. 261). A filosofia vale pouco para ele, dada a supremacia absoluta concedida à fé – esta sim, entende Gregório, o grande objetivo a ser buscado, cultivado e aprofundado. Entretanto, ele não se opõe ao estudo das artes liberais (ou seja, o *trivium* [gramática, retórica e dialética] e o *quadrivium* [aritmética, geometria, astronomia e música]), desde que sejam direcionadas para o melhor entendimento das Sagradas Escrituras. Com efeito,

Endossando a tendência predominante na Grécia, os latinos concediam importância maior às artes mais especificamente ligadas ao intelecto, em detrimento daquelas em que a atuação direta do corpo sobre a matéria prevalecia. Tais eram as *artes liberales*, artes destinadas ao homem livre, o cidadão propriamente dito. Dessa noção surgem o *trivium* e o *quadrivium*, alicerces do currículo estudantil medieval – adotado no Ocidente e

6 “Em 1913 Irala ingressou na Companhia de Jesus e, no mesmo ano, foi enviado em missão para Wuhu, na China, onde permaneceu durante 22 anos. Irala ainda esteve durante 4 anos na Argentina, e, por causa do comunismo, saiu da China para morar no Brasil, onde passou a ministrar conferências sobre psiquiatria. Irala foi palestrante em mais de 50 países” (SA et alii, abril de 2021).

7 “São Leandro, arcebispo de Sevilha (falecido em 599), é mencionado como compositor de ‘muitas peças musicais que soavam docemente’. Quando era arqui-diácono, foi enviado como embaixador a Constantinopla; lá, ele e São Gregório viveram em casa de Santo Eulógio. Parece que tanto o espanhol quanto o romano tiveram ocasião de admirar o fausto musical do qual se vangloriava a cidade desde os tempos de Justiniano; e fato é que se atribui tanto a um quanto a outro a honra de ter instituído o canto religioso em seus respectivos países” (REESE, 1980, p. 135).

também no mundo bizantino.⁸ No primeiro grupo, as artes relacionadas à linguagem: a gramática, a retórica e a dialética; no segundo, os ramos da matemática: a aritmética, a geometria, a astronomia e a música. Referindo-se ao início da Idade Média e tendo por referência o pensamento de Santo Agostinho, Raymond Court esclarece: “Que todo movimento ascensional da razão culmine na astronomia, não é contraditório com o lugar supremo reconhecidamente concedido à música dentro da hierarquia do *quadrivium*. Se a ordem astronômica (tão frequentemente evocada na pintura da Idade Média) fornece o quadro cosmológico que situa o homem no seu lugar no Universo, a música, sendo ela, por excelência, a ciência do ritmo, acede ao princípio interior da ordem que é a própria lei da Criação. Daí a função essencialmente litúrgica que a caracteriza e, por conseguinte, o papel de chave da abóbada que lhe é atribuído em relação às outras artes” (GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2006, p. 101; ver também COURT, 1987, p. 47; e VASILIEV, 1980, t. I, p. 296).

Para Gregório interessa que o latim expresse devidamente o conteúdo dos textos bíblicos; sua pureza formal, para ele, não vem ao caso.⁹ Curiosamente, “é desse adversário das belas letras que parte o fortíssimo impulso de cultura literária que, por intermediação da cultura anglo-saxã, invadirá progressivamente o Ocidente”, conforme observa o filósofo francês Étienne Gilson (1884-1978), com a precisão que lhe é característica (apud FRAILE, 1986, p. 261).¹⁰

Antes mesmo de ser nomeado papa, em 590, Gregório se havia destacado como compilador do antifonário e elaborador da versão

8 Cf. A. A. Vasiliev. *History of the Byzantine Empire*, Wiscontin, The University of Wiscontin Press, 1980, v. I, p. 296.

9 Contemporâneo de Gregório foi a arte denominada *hispérica*, nome proveniente de *Hisperica famina* (“Orações do Ocidente”), pequeno manual literário surgido na Irlanda. Passou-se a chamar de “hispérica” à literatura – e, por extensão, à arte e à sensibilidade estética – nascida do contato que a língua latina e a arte romana tardias tiveram com as línguas e a própria cultura dos bárbaros – entenda-se: germânicos. Nascido no século VI, o “hisperismo” (se é que podemos chamá-lo assim) alcança seu florescimento máximo no século VII e consegue sobreviver até o século IX. Sua marca registrada é a “preferência pelo intrincado, o afetado e o retorcido” (PLAZAOLA, 1970, p. 43). Na literatura hispérica prevalecerão os neologismos, a recusa das regras de gramática, o sem-número de epítetos, imagens, aliterações, bem como “a paixão pelo enigma” (Ibidem). Nas artes figurativas, as formas ditas “hispéricas” derivam da influência de povos como os citas, os celtas e os germanos. Notável foi seu desdobramento na arte da miniatura, “onde as figuras ficam quase ocultas sob a intrincada trama de traços, pontos, retas e curvas que se combinam em zigue-zague, em círculo ou em espiral, seguindo um jogo de combinações infinitas e produzindo conjuntos labirínticos não isentos de certa força fascinante” (PLAZAOLA, 1970, p. 44).

10 “Para evangelizar os anglo-saxões, que haviam destruído o cristianismo na Inglaterra, o Papa São Gregório Magno enviou Santo Agostinho, com 40 monges beneditinos, ou seja, da Ordem que tão assinalados serviços prestou à Igreja na obra da conversão e civilização dos bárbaros” (SILVA & PENNA, 1964, p. 205).

definitiva do ofício divino. A ele se deve o fim da heresia ariana na Itália e na Espanha. Sob sua direção, as Ilhas Britânicas foram convertidas ao catolicismo. Pode-se afirmar com Gibbon que “a conquista da Bretanha reflete menos glória sobre o nome de César que sobre o de Gregório I” (GIBBON, 2001, p. 384). Na mesma sequência, Gibbon acrescenta: “Em vez de seis legiões, quarenta monges foram embarcados para aquela ilha distante, e o pontífice lamentou os deveres austeros que o proibiam de dividir os perigos daquela guerra espiritual. E em menos de dois anos ele pôde anunciar ao arcebispo de Alexandria que [os monges] haviam batizado o rei de Kent juntamente a dez mil dos seus anglo-saxões; e que os missionários romanos, tal como os da Igreja primitiva, estavam armados unicamente com os poderes espirituais e sobrenaturais” (Ibidem). A *Britannia* não havia sido completamente incorporada ao Império Romano; tornou-se a única ex-província romana do Ocidente a não ter como língua oficial um ramo do latim. Os anglos e os saxões, invasores germânicos do século V, tampouco chegaram a ter um domínio completo sobre o arquipélago. A cultura nativa, de procedência celta, resistiu vigorosamente a ambas as invasões estrangeiras – o mesmo acontecendo, no século XI, perante os normandos. Essas ilhas distantes de Roma foram marcadas, nos séculos VII e VIII, pelo desenvolvimento das artes figurativas, notadamente as iluminuras feitas pelos monges e missionários. Nelas, percebe-se a fusão de influências dos celtas, saxões e escandinavos. É uma arte em que o desenho precisava se adaptar ao tamanho disponível nas páginas dos manuscritos a serem adornados, o que requeria aprendizado austero e precisão extrema no ato de desenhar. Talvez sejam aqueles mesmos monges e missionários os fundadores da arte figurativa medieval, cujo lento progresso estava destinado a culminar no Renascimento. Graças a esses descendentes da missão gregoriana, bem como ao contato entre duas tradições artísticas diferentes, “a clássica e a nativa, algo de inteiramente novo começou a crescer na Europa ocidental” (GOMBRICH, 1985, p. 118). Não é exagero vermos em Gregório I um dos precursores da Renascença Carolíngia, palco de expansão da polifonia litúrgica. O esplendor da arte britânica da Alta Idade Média não se restringe ao campo do figurativismo. Enfatizemos: o desenvolvimento da música polifônica liga-se diretamente ao oásis de cultura religiosa instalado nas Ilhas Britânicas por iniciativa de São Gregório Magno, que enviou para lá uma missão evangelizadora chefiada por Santo Agostinho de Cantuária. Não se deve confundir

com o outro santo do mesmo nome, Agostinho de Hipona, bem mais famoso: “Em 596 [São Gregório Magno] enviou para a Inglaterra Agostinho (?-605), abade de Santo André de Monte Célio, juntamente a quarenta companheiros. Seguiram a rota do Mediterrâneo, detendo-se em Lerins. Porém, assustados pelos relatos sobre a ferocidade dos habitantes dos países que precisariam atravessar, voltaram a Roma. São Gregório ordenou-lhes novamente que se pusessem a caminho. Embarcaram em Nantes e chegaram ao Tâmis (597). O rei Etelberto converteu-se. Nascido em Roma, Santo Agostinho foi consagrado bispo de Cantuária (Canterbury, 601), capital do reino de Kent, onde levantou um mosteiro dedicado a São Pedro. São Gregório enviou-lhe mais missionários, vasos, ornamentos sagrados e uma multidão de livros. Meio século depois, por volta de 655, quase todos os reinos saxões estavam convertidos ao cristianismo” (FRAILE, 1986, pp. 261-262). Seguindo os passos do irlandês São Columbano (540-615), famoso pela fundação de mosteiros na Europa continental, os monges britânicos do período seguinte já se incluem no Renascimento Carolíngio. Alcuíno (730?-804), “alma do movimento cultural carolíngio” (FRAILE, 1986, p. 288), vinha da *Britannia* e educou-se na escola episcopal de York. Escoto Eriúgena (815-877), personagem nuclear da Europa do século IX, era irlandês (*eriugena* é adjetivo que significa “nascido na Irlanda”); talvez o primeiro a deixar consignada uma referência à polifonia e sempre interessado em conciliar a filosofia grega com os princípios cristãos, compara a beleza do universo a uma orquestra harmoniosa em que cada instrumento toca uma melodia diferente (GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2018, pp. 47-49).

De fato, motivos havia para que as artes, mormente as figurativas, fossem avaliadas com cautela pelas autoridades eclesiásticas – tanto as do Ocidente, quanto as do Oriente – daqueles séculos incertos em que o mundo mediterrâneo deixava de ser antigo para tornar-se medieval. Fosse pelo conhecimento direto das obras de Platão (c. 428-c. 348 a. C.) – situação mais fácil de ocorrer na Cristandade oriental, pois seu coração era a Grécia – fosse por via indireta (como quase sempre se deu na Cristandade ocidental), os pensadores cristãos da época de Gregório estavam bastante familiarizados com a aversão platônica pelo deleite exclusivamente sensível que a arte pode vir a provocar (cf. BORNHEIM, 1975, p. 19 et passim). Pairava sobre todos eles a

advertência feita pelo discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles acerca do perigo de que tanto os produtores da arte quanto os seus apreciadores se detivessem nas aparências da obra produzida e, por isso, não alcançassem a sua essência (cf. GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2003, pp. 125-129). Muita cautela havia de se ter, portanto, para que a arte não se tornasse um veículo da idolatria.

Dentro desse mesmo perímetro temático, já bastante inflamável por si mesmo, precisavam ser contados, também, os maniqueus – que atribuíam ao maligno toda forma de veneração de algo material, sendo para eles a matéria má em si mesma – e os hereges, que consideraram inadequada todas as representações de Cristo, dadas as especiais relações existentes entre Sua humanidade e Sua divindade. E, como se isso fosse pouco, havia os ataques dos judeus, que se apoiavam na lei mosaica: “Não farás imitações” etc., e, mais tarde, o influxo do islã, nas próprias fronteiras do Império Bizantino (hégira, 622) (DE BRUYNE, 1963, v. II, pp. 441-442).

Tal como os padres orientais Leôncio de Neápolis (585-662) e São João Damasceno (675-749), Gregório bater-se-á em defesa das imagens sagradas produzidas pela arte. Nele encontramos o grande paladino da arte religiosa do Ocidente. Estava-se às portas da primeira crise iconoclasta (726-787), que tanto sangue e ruínas trará a Bizâncio – que, não tendo aprendido a lição, passará por um segundo iconoclastismo (814-842).¹¹ Deve-se a Gregório, autoridade máxima da Igreja Latina naquela época tão decisiva, o desenvolvimento e a própria sobrevivência da arte religiosa no Ocidente. No seu sábio e santo entender:

O que é a Sagrada Escritura para aquele que lê, as representações pictóricas são para aquele que não sabe ler, porque nelas as pessoas iletradas contemplam modelos que podem copiar em suas vidas. Elas são livros que podem ser lidos pelos iletrados (apud SOLIMEO & SOLIMEO, 2013, p. 121).

¹¹ “**Iconoclasta**, *adj.* e *s. m.* destruidor de imagens ou ídolos: Na invasão asiática do cristianismo, havia a legião dos *iconoclastas*, para derrubar os ídolos (Eça, *Notas contemp.*, p. 39, ed. 1913). || (Fig.) Que não respeita os monumentos, que derruba e destrói: Oh! maldito povo de *iconoclastas* que é este! (Garret). || F. gr. *Eikonoklastes*” (CALDAS AULETE & SANTOS VALENTE, 1948, v. II, p. 52).

4 . Enquanto isso, em Bizâncio...

Superados temporariamente o perigo islâmico e o búlgaro, Bizâncio vê-se às voltas com outro grande problema; dessa vez, trata-se de um problema nascido do lado de dentro das fronteiras imperiais e de índole religiosa: é a crise iconoclasta, iniciada em 726, e que não deixa de ser um “corolário óbvio da crença monofisista” (NORWICH, 1998, p. 111), surgida em Constantinopla algumas décadas antes do pontificado de São Gregório, durante o reinado de Justiniano I e por influência de sua esposa, a imperatriz Teodora. Ora, “se aceitarmos somente a natureza divina de Cristo, não podemos logicamente aprovar um retrato bi ou tridimensional d’Ele como um ser humano” (NORWICH, 1998, p. 111). O ímpeto destrutivo dirige-se principalmente contra o ícone, esse “objeto de devoção por excelência da cristandade oriental” (AMBESI et alii, 1991, p. 155), que, associando irrealismo e frontalidade, surge no século V no mesmo ritmo do movimento monástico que povoa de eremitas os desertos do Egito e da Síria. Já no século IV o culto das imagens e a ornamentação das igrejas passara a desempenhar um papel central na religiosidade popular grega. Para muitos devotos, talvez não houvesse grande diferença entre a imagem e o ser por ela representado; a veneração confundia-se amiúde com a idolatria. As raízes do fenômeno são ainda as mesmas que deram origem às heresias ariana, monofisista e nestoriana: os questionamentos suscitados pela natureza de Cristo. (As heresias traziam à baila uma antiga e irreduzível oposição “entre a Grécia e o Oriente, entre o mundo ocidental e a Ásia anterior” [MAIER, 2000, p. 55]) Quanto mais espiritual e inefável se considera a natureza de Cristo, maior é a tendência a ver como sacrílega a Sua representação no espaço. Para os defensores da arte iconográfica, o ícone era mais do que um objeto útil no ato da prece: tratava-se de algo *sagrado*. A seu ver, “Se Deus, em sua misericórdia, pôde revelar-Se aos olhos dos mortais na natureza humana do Cristo, por que não estaria Ele também disposto a manifestar-Se em imagens visíveis? Não adoramos essas imagens em si mesmas, como fizeram os pagãos. Adoramos Deus através das imagens e para além delas” (apud GOMBRICH, 1985, p. 97).

Geograficamente falando, as províncias asiáticas do Império e os imperadores que delas saem são partidários da iconoclastia; os

iconódulos procederão das europeias. Socialmente falando, os monges e o povo em geral, notadamente em Constantinopla, defendem as imagens que os imperadores atacam. [...] Em especial, a resistência do papa à iconoclastia teve consequências importantes: exacerbou a querela com o imperador e foi muito diretamente responsável pela nova aliança que o pontífice estabeleceu com os francos. Desse modo, começava outra etapa da história, pela qual a sede apostólica havia suspirado durante muitos lustros. Quando, em 787, a Imperatriz Irene convocou o Concílio que havia de restaurar o culto das imagens em Bizâncio, o mal já não tinha remédio: o abismo entre Roma e Constantinopla havia afundado ainda mais, e a posição bizantina na Itália se debilitara decisivamente (GARCÍA DE CORTÁZAR & AGUIRRE, 1984, p. 96).

Decorre das perseguições iconoclastas a fuga de muitos monges bizantinos para o sul da Itália, onde contaram com a proteção dos papas. Foram esses monges, juntamente a mercadores orientais, os responsáveis pela transmissão do estilo artístico bizantino que floresceu em Bari, Otranto, Benevento, Nápoles e em Roma nos últimos séculos que precederam o fim do primeiro milênio. Vencedora da crise iconoclasta, a pintura bizantina apresenta-se como uma emanção direta do mundo imaterial. Não deixou de ser uma “vitória da lucidez sobre o misticismo, do pensamento grego sobre a metafísica oriental, do Ocidente sobre o Oriente” (NORWICH, 1998, p. 139). A escultura foi posta de lado: “Para os derrotados inimigos das imagens, restou uma pequena consolação. Após esse período, a arte bizantina restringiu-se a duas dimensões” (NORWICH, 1998, p. 140). Curioso é que a pintura se tenha voltado para o outro extremo, desta vez o de rejeitar o naturalismo que marcava o período pré-iconoclasta. Foi como se os artistas não quisessem mais correr o risco de que os ícones se confundissem com os seus modelos inspiradores; daí os “fantasmas inverossímeis, incorpóreos e absurdos” que foram as imagens bizantinas dos séculos XIV e XV, por exemplo (PIJOÁN et alii, 1966, p. 438). É verdade que, na fase imediatamente posterior a Irene e a Teodora, os pintores bizantinos atingem o seu zênite; o historiador catalão José Pijoán (1881-1963) chega a ver neles os autores das “obras mais belas e mais nobres que a arte medieval europeia produziu” (PIJOÁN et alii, 1966, pp. 438-439). Outro resultado que se pode atribuir à crise iconoclasta é o revivalismo dos temas seculares; o próprio estilo faz lembrar a Antiguidade tardia, notadamente do século IV, com suas “figuras atarracadas e de grandes

cabeças” (JANSON, 1992, p. 226). Em contrapartida, algumas representações de Cristo humanizam-se.

5 . E più non diciamo

São Gregório Magno foi o principal escritor ocidental do fim da Era Patrística. Fiel à sua herança genética e cultural romana, Gregório era, acima de tudo, um homem prático. Não escreveu para doutos; empenhou-se, isto sim, em popularizar a doutrina da Santa Igreja. Vistos em sua totalidade, seus escritos foram “a principal fonte de piedade popular e de pregação da alta Idade Média” (SOLIMEO & SOLIMEO, 2013, p. 192). Primeiro papa-monge da História da Igreja, São Gregório Magno deixou a marca beneditina em seu papado; foi uma sementeira monástica que gerou grandes frutos culturais no Ocidente.

Durante seu pontificado, Gregório forneceu ajuda espiritual, financeira e material a vários mosteiros, pois ele estava convencido de que o sistema monástico tinha um valor muito especial para a Igreja, e desse modo fez tudo em seu poder para difundir-lo e propagá-lo. A sua propriedade pessoal foi consagrada a esse fim, e ele persuadiu muita gente rica a estabelecer e amparar mosteiros, utilizando a renda de seu patrimônio para o mesmo propósito (Gilbert Huddleston [apud SOLIMEO & SOLIMEO, 2013, p. 184]).

Seu impulso ao monaquismo foi de fundamental importância para a construção da Europa medieval. É Dom Estêvão Bettencourt (1919-2008), um dos maiores nomes da religiosidade beneditina no Brasil, a escrever:

Aos poucos, os mosteiros beneditinos foram assumindo papel de relevo capital na história da Igreja, tanto no setor missionário quanto na cultura em geral. Foram, em grande parte, os monges beneditinos que evangelizaram os anglo-saxões e outros povos germânicos (Inglaterra, Bélgica, Holanda e Norte da Alemanha[...]); foram eles que ensinaram aos povos bárbaros que viviam nos arredores dos mosteiros os princípios de nova cultura; transmitiram às crianças e aos adolescentes os conhecimentos científicos e a formação cristã mediante as “escolas monasteriais”. Foram também eles os copistas que salvaram da ruína os tesouros da cultura romana, que, através de seus códigos e obras de arte, foram transmitidos às gerações vindouras. Pode-se dizer que

a grande obra cultural dos monges começou no próprio século VI (BETTENCOURT, 2012, p. 131).

Durante o pontificado de São Gregório,

Havia em Roma, e em várias outras cidades, as *scholae cantorum*, nas quais os missionários aprendiam música. Mais tarde, ao se espalharem pela Europa inteira, construíram eles mosteiros em que as aulas de música desempenhavam um importante papel. Muitos desses mosteiros se tornaram famosos, como, por exemplo, o que Santo Agostinho (de Cantuária) fundou em Kent, na Inglaterra, em 597 (PAHLEN, 1965, p. 34).

Na música, São Gregório chancelou a grande importância do canto na liturgia, conferindo-lhe um *status* muito superior ao de mero acessório estético. Para ele, o canto era parte integrante da missa e precisava unir-se às palavras para com elas formar a “expressão mais completa da oração” (SOLIMEO & SOLIMEO, 2013, p. 188). Estudado e preservado nos mosteiros beneditinos, o canto gregoriano tornou-se um importante instrumento de conversão dos povos pagãos. Fosse pela dificuldade de compreensão da pregação missionária, fosse pelo desinteresse de alguns em ouvir os sermões dos recém-chegados, “a música realizava verdadeiros milagres. Talvez tenha convertido ao cristianismo tanta gente quanto a palavra falada” (PAHLEN, 1965, p. 34).

Gregório, como é sabido, toma a pintura como “leitura para os iletrados”.¹² Longe de ser o único a pensar dessa forma, ele fez eco a uma tradição já multissecular na Igreja, que tinha na arte um instrumento da apologética.

A opinião mais espalhada é a de que muitos Padres da Igreja exprimem sobre a utilidade apologética da arte: “o que a linguagem da história ensina pelo ouvido, mostra-o o silencioso desenho pela reprodução”, diz São Basílio; e São Gregório de Nissa afirma que o desenho “nas paredes onde se ostenta presta os maiores serviços” e que o mosaico “torna dignas da história as pedras que pisamos” (DANIEL-ROPS, 1960, I, pp. 617-618).

12 “(...) o que a escrita é para os que sabem ler, a pintura é para os iletrados. Nela os ignorantes veem aquilo que devem seguir; nela leem aqueles que desconhecem as letras” (PL 77, 1.128). Servimos aqui da edição de Jean-Paul Migne das obras dos Padres da Igreja. Como abreviatura das obras dos Padres latinos (*Patrologiae cursus completus, series latina* [Paris, 1844-1855]), seguimos a convenção PL.

Com essa dignificação, despedimo-nos do leitor; e *più non diciamo*.

Referência

AMBESI, Alberto Cesare et alii. *Encyclopédie de l'art* (trad. Béatrice Arnal et alii), Paris, Librairie Générale Française, 1991.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio de & SANTOS VALENTE, António Lopes. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3ª ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1948.

BETTENCOURT, Estêvão. *História da Igreja Mater Ecclesiae*, Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

BORBA, Tomás & LOPES GRAÇA, Fernando. *Dicionário de Música*, Lisboa, Cosmos, 1963.

BORNHEIM, Gerd. "Introdução à leitura de Winckelmann", in *Reflexões sobre a arte antiga* (trad. Herbert Caro e Leonardo Tochtrop), Porto Alegre: Movimento, 1975.

_____. *Páginas de filosofia da arte*, Rio de Janeiro, Uapê, 1998.

COURT, Raymond. *Sagesse de l'art*, Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

DAVIES, Norman. *Europe, a History: a Panorama of Europe, East and West, from the Ice Age to the Cold War, from the Urals to Gibraltar*, Nova York: HarperPerennial, 1998.

_____. *Europe East and West: a Collection of Essays on European History*, Londres: Pimlico, 2007.

CHAGAS DE PAIVA, OSB., Anselmo. *Aprendendo com São Bento*, Rio Bonito: Benedictus, 2020.

CULLIN, Olivier et alii. *Guide de la musique du Moyen Âge* (dir. Françoise Ferrand), Paris: Fayard, 1999.

DE BRUYNE, Edgard. *Historia de la Estética* (trad. Armando Suárez), Madri, B.A.C., 1963.

FINNEY, Theodore M. *A History of Music*, San Diego: Harcourt, Brace and Company, 1935.

FRAILE, Guillermo *Historia de la filosofía. El cristianismo y la filosofía patristica. Primera escolástica*, Madri: B.A.C., 1986, t. II (1º).

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente. *A humanização da arte*, Rio de Janeiro: Pinakothèque, 2006.

_____. *Ensaio sobre a música polifônica: vozes que iluminam o Ocidente*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2018.

_____. *Arte e beleza em Gerd Bornheim*, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel & AGUIRRE, Ruiz de. *Historia general de la Alta Edad Media*, Madri: Mayfe, 1984.

_____. & SESMA MUÑOZ, José Ángel. *Historia de la Edad Media: una síntesis interpretativa*, 4ª ed., Madri: Alianza, 2006.

GIBBON, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, Londres: John Murray, 2001.

GOMBRICH, Ernst. *A História da Arte* (trad. Álvaro Cabral), 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GRIMBERG, Carl. *História universal* (trad. Jorge de Macedo), Lisboa: Europa-América, 1967, t. VI.

IRALA, Narciso. *Controle cerebral e emocional*, 20ª ed., São Paulo: Loyola, 1970.

JANSON, H. W. *História da Arte* (trad. J. A. Ferreira de Almeida e Maria Manuela Rocheta Santos), 5ª ed., Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média* (trad. Margarida Sérvulo Martinho), Lisboa: Gradiva, 1984.

LLORCA, Bernardino et alii. *Historia de la Iglesia Católica. Edad Antigua*, 5ª ed., Madri: BAC, 1976.

MAIER, Franz Georg. *Bizancio* [trad. María Nolla et alii], 13ª ed., México/Madri, Siglo Veintiuno, 2000.

MIGNE, Jean-Paul (editor). *Patrologiae cursus completus, series latina*, Paris, 1844-1855.

MOCZAR, Diane. *Sete mentiras sobre a Igreja Católica* (tradução de Gabriel Galeffi Barreiro), Rio de Janeiro: Castela Editorial, 2012.

NORWICH, John Julius. *A Short History of Byzantium*, Londres: Penguin Books, 1998.

PAHLEN, Kurt. *História Universal da Música* (tradução de A. Della Nina), São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

PALISCA, Claude V. "Foreword", in *Musica enchiradiadis and Scolica enchiradiadis* (tradução, introdução e notas de Raymond Erickson; editor Claude V. Palisca), Londres/New Haven: Yale University Press, 1995.

PIJOÁN, José et alii. *Arte cristiano primitivo. Arte bizantino hasta el saqueo de Constantinopla por los cruzados el año 1204*, in *Summa Artis. Historia General del Arte*, 5ª ed., Madri: Espasa-Calpe, 1966.

PLAZAOLA, Juan. *Introducción a la Estética. Historia, teoría y textos*, Madri: B.A.C., 1970.

REESE, Gustave. *La musica nel Medioevo* (trad. Flora Levi d'Ancona), Florença: Sansoni, 1980.

SÃO GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral* (tradução de Sandra Pascoalato), São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *São Bento, vida e milagres* (tradução de D. Leão Dias Pereira) Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2014.

SAULNIER, V.-L. *La littérature du Moyen Âge*, Paris: P.U.F., 1948.

SILVA, Joaquim & PENNA, J. B. *Damasco. Joaquim Silva & J. B. Damasco Penna. História geral para o curso médio*, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1964.

SIMONS, Gerald, MORRISON, Karl F. et alii. *Os bárbaros na Europa* (trad. Vera Maria Teixeira Soares), Rio de Janeiro: Time-Life/José Olympio, 1971.

SOLIMEO, Gustavo Antonio & SOLIMEO, Plínio Maria. *O Cônsul de Deus – São Gregório Magno: sua vida, sua obra, sua época*, São Paulo: Petrus, 2013.

UPJOHN, Everard M., WINGERT, Paul & MAHLER, Jane Gaston. *História mundial da arte. Dos etruscos ao fim da Idade Média* (trad. Maria Benedita Monteiro), São Paulo: Difel, 1974.

VASILIEV, A. A. *History of the Byzantine Empire*, Wiscontin: The University of Wiscontin Press, 1980.

HARPER, Douglas. "Gregory". Disponível em <https://www.etymonline.com/word/gregory>>. Acesso em abril de 2021.

SÁ, Gildácio et alii. "Narciso Irala". Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso_Irala>. Acesso em abril de 2021.

Artigo recebido em 02/09/2021 e aprovado para publicação em 06/12/2021

Como citar:

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli; SIMÕES, R. A. F.. GREGÓRIO: notas sobre o *servus servorum Dei*. Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p.235-256, jan./jun. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-11> Disponível em: www.revistacoletanea.com.br